

E. F. BRANCANTE

(do Museu da Casa Brasileira São Paulo)

**ACHEGAS SOBRE CERÂMICA DO SÉCULO XIX
NO BRASIL - A LOUÇA MINEIRA**

Separata da Revista Paulistana n.º 79
São Paulo - 1975

E. F. BRANCANTE
(do Museu da Casa Brasileira São Paulo)

ACHEGAS SOBRE CERÂMICA DO SÉCULO XIX NO BRASIL - A LOUÇA MINEIRA

E. F. BRANCANTE
(do Museu da Casa Brasileira)

No século XIX constata-se um grande interesse de produção de cerâmica em todo o Brasil. O movimento industrial para atender demanda tanto de artigos de uso doméstico, em geral de baixa qualidade, como a de adorno e a de exportação. Esse esforço se processou através da produção local de terra cozida ou seja de louça cozida sob fogo direto, feita em tabuletas de argila estrita e produzida de modo artesanal. No século XIX em alguns locais houve também a cerâmica produzida de maneira definitiva importada através de alguns países estrangeiros, a que teve

origem na Alemanha e França, sendo produzida de acordo com os métodos alemães. Essa produção gerou a louça conhecida popularmente em português, apesar de chamarem em português, sobretudo no Sul, de louça.

Em 1811, a louça a granel era produzida em grande quantidade em Minas Gerais, sendo exportada para o Rio de Janeiro em 1811 e em 1812 para o Rio de Janeiro em 1812 e em 1813 para o Rio de Janeiro em 1813. Essa louça era produzida em Minas Gerais e era conhecida por louça mineira.

Essa louça produzida no Brasil em 1811, a que chegou ao Brasil em 1811, foi produzida em Minas Gerais, sendo exportada para o Rio de Janeiro em 1811 e em 1812 para o Rio de Janeiro em 1812 e em 1813 para o Rio de Janeiro em 1813. Essa louça era produzida em Minas Gerais e era conhecida por louça mineira.

ACHEGAS SOBRE CERÂMICA DO SÉCULO XIX NO BRASIL - A LOUÇA MINEIRA

Essa louça produzida no Brasil em 1811, a que chegou ao Brasil em 1811, foi produzida em Minas Gerais, sendo exportada para o Rio de Janeiro em 1811 e em 1812 para o Rio de Janeiro em 1812 e em 1813 para o Rio de Janeiro em 1813. Essa louça era produzida em Minas Gerais e era conhecida por louça mineira.

Essa louça produzida no Brasil em 1811, a que chegou ao Brasil em 1811, foi produzida em Minas Gerais, sendo exportada para o Rio de Janeiro em 1811 e em 1812 para o Rio de Janeiro em 1812 e em 1813 para o Rio de Janeiro em 1813. Essa louça era produzida em Minas Gerais e era conhecida por louça mineira.

Essa louça produzida no Brasil em 1811, a que chegou ao Brasil em 1811, foi produzida em Minas Gerais, sendo exportada para o Rio de Janeiro em 1811 e em 1812 para o Rio de Janeiro em 1812 e em 1813 para o Rio de Janeiro em 1813. Essa louça era produzida em Minas Gerais e era conhecida por louça mineira.

Essa louça produzida no Brasil em 1811, a que chegou ao Brasil em 1811, foi produzida em Minas Gerais, sendo exportada para o Rio de Janeiro em 1811 e em 1812 para o Rio de Janeiro em 1812 e em 1813 para o Rio de Janeiro em 1813. Essa louça era produzida em Minas Gerais e era conhecida por louça mineira.

Essa louça produzida no Brasil em 1811, a que chegou ao Brasil em 1811, foi produzida em Minas Gerais, sendo exportada para o Rio de Janeiro em 1811 e em 1812 para o Rio de Janeiro em 1812 e em 1813 para o Rio de Janeiro em 1813. Essa louça era produzida em Minas Gerais e era conhecida por louça mineira.

Essa louça produzida no Brasil em 1811, a que chegou ao Brasil em 1811, foi produzida em Minas Gerais, sendo exportada para o Rio de Janeiro em 1811 e em 1812 para o Rio de Janeiro em 1812 e em 1813 para o Rio de Janeiro em 1813. Essa louça era produzida em Minas Gerais e era conhecida por louça mineira.

ACHEGAS SOBRE CERÂMICA DO SÉCULO XIX NO BRASIL - A LOUÇA MINEIRA

E. F. BRANCANTE

(Do Museu da Casa Brasileira)

No século XIX constata-se um esforço intenso de produção de cerâmica em todas as Províncias brasileiras para suprir demanda tanto de artigos de uso doméstico, ou seja da louça utilitária, como a de adorno e a de construção. Esse esforço se processa através da produção local de terracotas, ou seja de barro cozido sob suas diferentes formas, e no fabrico de louça vidrada e produtos de olaria. Esse século XIX em nosso território também se caracteriza pela pletera de artefatos cerâmicos importados, abrangendo todos os gêneros, o que será objeto de estudo à parte.

Os barristas bonequeiros, os artistas figureiros e as paneleiras nos trazem também a sua contribuição artesanal nos quatro cantos de nosso território, materializando nosso Folklores, sob a inspiração cabocla européia, africana e indígena. Em São Paulo sobressaem os figureiros que além da montagem de presépios, apresentavam as imagens chamadas de «Paulistinhas» de pequeno porte e características próprias. Pedro de Oliveira Ribeiro Neto assinala que essas imagens retomavam tradição anterior, e sua produção no século XIX, segundo Eduardo Etzel animava, com perfis esguios, cromia viva e variadas invocações, os oratórios do Vale do Paraíba. No que concerne aos presépios, em São Gonçalo, perto de Cuiabá, até hoje são eles montados por artesãs que lá são chamadas de presepeiras. (Conferencia no Museu da Casa Brasileira em 20-6-1975 da Profª Julieta Andrade «Arte e Artesanato na Cuiabânia»).

De notar, com referência à imaginária que nesse século foram também importadas imagens pequenas, de médio e grande porte, de louça vidrada ou de porcelana, a maioria de Portugal, sendo as pequenas policromadas e as maiores esmaltadas de branco.

Na produção de feição industrial os oleiros, louceiros e ceramistas diversificam seus produtos.

Aparecemoringas, talhas e potes com desenhos variados e formatos diferentes, com nomes gravados ou superpostos, com brasões de armas do Império e da República, com a razão social do fabricante e, ainda, alguidares, poiões, galinhas ornamentais que servem de garrafa e de cobre (Apiahy), canecas, tinteiros, escarradeiras, urinois, parte em terracota em cor na-

tural ou pintada a frio, e parte vidrada. De notar que os ingleses, desde 1734, produziam galinhas de louça vidrada, inspirados na soberba fatura dos exemplares em porcelana provindos da China.

O fato é que a produção local foi grande no Brasil, Saint Hilaire já havia assinalado a louça utilitária em São Paulo em 1808 e, em Minas em 1816; esse autor em 1822 assinala que em Santa Catarina e em Porto Alegre (nesta cidade refere-se a 3 olarias que fabricavam louça) «as louças eram bem feitas e na maioria coloridas de vermelho, porém mais grosseiras, já que eram feitas com argila negra que, após o cozimento, tornava-se amarela.

Os registros da Alfândega do Rio, no período de 12-12-1821 a 14-03-1823 (O Espelho — Imprensa Nacional) consignam a entrada de 242 talhas provenientes da Bahia, de São Sebastião 200 talhas, 244 painéis e potes, e de Santa Catarina 3.500 moringas. Esses dados mostram que pouco antes e pouco depois de nossa Independência os principais fornecedores de louça utilitária para a Córte eram aqueles centros litoraneos. Causa-nos surpresa saber através daqueles apontamentos que a Capitania, depois Província de São Paulo alinhava-se entre os mais importantes centros exportadores, através da cidade de São Sebastião; aliás Azevedo Marques (Apontamentos Históricos) não deixa de assinalar na segunda metade do século a existência da produção da louça de barro em São Sebastião quando se refere ao artesanato das mulheres louceiras do Bairro de São Francisco. Ainda hoje existem reminiscências dessa tradição oleira local com a produção de painéis, potes e até cachimbos, embora ela se represente por pouquíssimas louceiras como Dona Silvana e Dona Amélia.

Relata-nos C. J. da Costa Pereira (A Cerâmica Popular da Bahia, Salvador 1957, pág. 28) que a Bahia «exportava» cerâmica para o Rio: «Tanto assim que em 1840 o «Jornal do Comércio» publicava um anúncio comunicando que chegara grande partida de louça da Bahia para uma das casas de comércio da Córte». Aliás o centro cerâmica de Maragogipinho era e continua sendo produtor de louça utilitária e de adorno, sobretudo de barro cozido com aplicações cromáticas a frio.

Há também referência no Paraná, em 1888, a uma fábrica de louça instalada em Colombo pelo italiano Francisco Busato e que em 1910 foi visitada pelo Presidente Afonso Pena, achando-se naquele ano fechada. Como exemplo dessa louça existe um medalhão datado, no Museu Paranaense. A série de Exposições realizadas na Córte, nos anos de 1861, de 1866, de 1873, de 1875 e 1888, com a representação de quase todas as Províncias do Império, falam bem alto do progresso da produção do barro cozido, dos produtos de olaria e da louça vidrada. Acreditamos, porém, que a Capitania, Província e depois Estado de Minas Gerais, representasse o maior número de produção, pelo menos na primeira metade do século, quando ainda não se haviam dissipado as fortunas provindas das lavras e a esperança da descoberta de novos filões animava os garimpeiros, o comércio e os governantes. Temos a considerar que a leva de imigrantes de territórios e, sobretudo, a de portugueses em massa emigrados de Portugal, provocada pela corrida de ouro e dos diamantes, veio a contribuir poderosamente para o aumento demográfico e a intensificação do fabrico da louça local, o que aliás, se constata também pelas várias referências de viajantes estrangeiros.

Essa corrida de portugueses para as minas foi de tal ordem que, já em 1732, o Conselho Ultramarino representava ao Rei para opor-se àquela evasão de súditos metropolitanos. Portugal, com cerca de 2 milhões de habitantes, via transferir-se para o Brasil, em menos de cem anos, cerca de 800.000 pessoas (Augusto de Lima Junior — A Capitania de Minas Gerais, Rio 2ª ed. pág. 87). E o que representava Minas nesse confronto demográfico com o resto das outras unidades Capitanias ou Províncias — no fim do Século XVIII e começo do XIX? O Brasil nesse período contava com uma população de 2.850.000 habitantes, portanto, mais que Portugal, e Minas, representava a unidade brasileira mais populosa com 650.000 almas, a Bahia dispunha de 530.000, Pernambuco 480.000 e o Rio com 380.000, quase a metade da população de Minas. Nesse contexto a Capitania de São Paulo apresentava em 1808, um total de 200.000 habitantes incluído neste montante 35.000 referentes à Comarca

de Curitiba e 25.000 da cidade de São Paulo...

Há de se acrescentar que, parte ponderável daquela população era constituída de portugueses ou de descendentes seus; já em 1720, os brancos representavam, mais ou menos 37% dos habitantes da Capitania, e certamente boa parte deles tinha noções de cerâmica e a produziam. Diz-nos Augusto de Lima Junior (op. cit. pág. 299): «A indústria do oleiro, tão popular em Portugal desde séculos, adquiriu regular desenvolvimento entre os colonos e muitas fábricas de louça grosseira forneceram sua mercadoria ao consumo local».

Assim, não é de admirar que a produção local na qual os portugueses colaboravam fôsse grande. De outra maneira, junto com a importação, não seria dada vazão ao consumo cada vez maior da população composta de brasileiros, de europeus, de índios, de escravos africanos e de mestiços como mulatos, mamelucos e cafusos.

Ainda hoje são numerosos os remanescentes daqueles produtos locais que numerosos colecionadores, em boa hora, procuram recolher antes que desapareçam por completo. Esses pesquisadores compuseram um mostruário variado e sui-generis, devolvendo a nossa visão, numa paciente exumação do passado, o ambiente das copas e cozinhas mineiras. Nele resulta uma gama, extensa de cores: o avermelhado, o pardo, o amarelo, o castanho, o melado, o branco, o azeitonado, o marrom, o verde e ainda tonalidades brandas lembrando matizes de aquarela.

E o interessante é constatar-se que esses tipos de louça são ainda encontrados nos quatro cantos do território mineiro, o que demonstra por um lado o quanto eram apreciados e por outro quanto intenso e difuso era aquele comércio.

São louças, muitas vezes, de elaborada fatura, pratos, sopeiras, bules, chicaras, meios boiões e canecas com tampa, tigelas, potes, cuscuseiros, cangirões (gênero Toby-jug) etc.

Quanto aos formatos variam bastante, havendo no entanto uma predominância de formas lembrando a seção média e inferior de um boião clássico bojudo, de tampa e péga, com variações de bojo e de boca, como há também peças mais raras de complicada fatura com recipientes de perfil circular com bicos, outras tripodes de composição globulada etc.

Quanto a decoração apresentam elas certas características. Com referência a cromia ha peças somente monocromas, outras de fundo monocromo sobre o qual são pintadas manchas de caráter abstrato ou então desenhos ou composições de inspiração floral. Há também peças de fundo policromado apresentando tonalidades desmaiadas, como outras apresentando o gênero conhecido por esponjado e o marmorado.

Com relação à decoração incisa e a relevada há que assinalar a variedade de motivos, uns imitando cordões, outros apresentando série de besantes e caneluras, como há também as faixas impressas com diferentes desenhos inclusive alguns lembrando o «guiloché» à maneira da ourivesaria, como exis-

tem também peças com decoração pontilhada e penteada na técnica do esgrafitado, e outras, com flores, folhagens e ornamentos diversos justapostos.

Vejam os que nos foi possível reunir referências e documentos sobre elas e sua produção, e quem sabe, deslindar, por algumas características, a distinção ou diferenciação entre elas, o que vem acarretando um sério problema de identificação:

1777-1786 — Dr. José Bittencourt Accioly fez ensaios e experiências favoráveis com o barro de Caeté porém não há evidência de que tenha dado início a uma produção regular de louça (J. P. Xavier da Veiga, *Efemérides Mineiras* Vol. II).

18... — O inglês John Morgan interessou-se em organizar uma sociedade para aproveitar o material de Caeté, porém caducou sua concessão sem que montasse fábrica (op. cit.).

1809-1812 — John Mawe assinala uma olaria que, empregando «barro em seu estado nativo» e «a roda», em Congonhas do Campo, fabricava «pratos, potes, jarras pesadas e maciças, mas pouco sólidas que se tornavam menos frágeis com o emprego de verniz espesso». Segundo ainda Mawe, era «uma terra para porcelana, superior àquela empregada em Sèvres. Província da colina de Santo Antonio, perto de Congonhas do Campo (citação de Manuel Bandeira).

1816-1822 — Saint Hilaire assinala uma fábrica de louça perto de Vila Rica (Ouro Preto) «que se estabeleceu há poucos anos»... Os vasos... apresentam em geral lindas formas mas são revestidos de uma camada muito espessa de verniz e quebram-se... com muita facilidade. É evidente, aliás, que se conseguirá evitar esses defeitos e a manufatura de Vila Rica fique rivalizando com as da Europa»... (op. cit.).

1855 — É analisado em Sèvres barro de São Caetano, a três léguas de Mariana, considerado como caulim e «a peça cozida deu boa louça» — analisado também no Rio pelo naturalista Frei Gustavo Serrão, sendo «muito favorável o exame».

Augusto de Lima Junior informa que havia «algumas fábricas de produção cerâmica na região de Mariana. São Caetano, por força de seu bom material, não pode deixar de estar incluída entre elas.

1858 — É aprovada pelo governo mineiro uma subvenção de cinco contos de réis para o melhoramento da «Fábrica de Caeté», o que nos leva a crer que esse centro fosse o que apresentasse melhores condições, entre todos os outros, para merecer aquele incentivo.

18... — Augusto de Lima Junior informa «A indústria do oleiro, tão popular em Portugal, adquiriu regular desenvolvimento entre os colonos e muitas fábricas de louça grosseira forneceram sua mercadoria ao consumo local. Temos conhecimento de algumas em Mariana (São Caetano, entre outras) em Pratos, em Congonhas do Campo e no arraial do Ouro Branco, afora uma próxima de Ouro Preto, que resistiu até o fim do século passado (Saramenha). Pratos, tijelas, potes de

água, moringues ou bilhas, alguidares etc., foram fabricados e tiveram procura. (op. cit. págs. 299-300). Manuel Bandeira (*Guide d'Ouro Preto* — Imprensa Nacional Rio 1948, pág. 35), também informa, embora não assinala a data, que a fábrica de Vila Rica desapareceu.

1868 — Louças vidradas fabricadas em Taquarassú (distrito de Caeté pelos sócios Felipe Nery Teixeira, sua filha Florinda de Jesus e Antonio Pereira de Araujo Tavares, e adotando a técnica da fábrica de Caeté: «feita a apuração do barro pelo tamis e amassado o barro a braço fazem a louça com uma roda tocada com o pé e queimada em forno ordinário vidrada em pedra moida ou com óxido de ferro e de cobre em partes iguais... e o barro empregado em Taquarassú é de diversas cores e existe em grande abundância nos arredores deste arraial, assim como pedras para todos os vidros... os fabricantes são pobres e carregados de filhos etc. (Arquivo Imperial, maço 142 nº 5988, citado por Marques dos Santos).

1883 — Na cidade de Passos há fábrica de louça com a informação de que «nesta parquia ha excelente caulim».

1893 — Fundação oficial em Caeté, em 13 de julho da Cerâmica Nacional, pelo Dr. João Pinheiro da Silva (que foi presidente da Província em 1890) e pelo Dr. Carlos Thomaz de Magalhães, lente da Escola de Minas de Ouro Preto, com o propósito de fazer prosperar a cidade de Caeté e melhorar a qualidade, (havia até um maldoso dito popular referindo-se aos artefatos de Caeté) e produzir artigos finos visando a porcelana. A Ata diz, entre outras cousas: «Sendo dadas as condições físicas com que atualmente se fabrica uma espécie de louça bárbara nessa cidade de Caeté, conseguir melhorar... com uma intervenção química». (2 meses depois é relatado que conseguiram condições animadoras e com novas provas e descobertas deram o problema como resolvido). Diz a Ata ainda: viram por eles (estudos) como se pôde conseguir o esmalte branco na louça bárbara aqui fabricada nos fornos rudimentares de cupim».

1893 — É assinalada a presença em Mondeos, «a meia légua» de Caeté de um velho louceiro chamado Manuel Vicente que tinha também seu forno de cupim (Ata cit.).

1897 — Informa Xavier da Veiga que, até então, não havia produção em Minas, de porcelana.

1898 — Precioso Album de Fotografias da «Cerâmica Nacional» em que são exibidas as instalações da fábrica e seus depósitos, com os artigos produzidos.

1903-1921 — Fabrico de peças utilitárias em porcelana em Caeté, de forma industrial, (informações dos atuais dirigentes e do jornal, «o País», sob o título Kaulim, dia 7 e 8 de junho de 1926).

1921 — Transformação da antiga razão social para «Cerâmica João Pinheiro», que produz atualmente (1975) somente produtos refratários.

Dessa enumeração conclui-se, fora de dúvida, que os artigos produzidos em Minas deviam diferenciar-se bastante entre si, o que faz com que os remanescentes de louças encontrados

hoje sejam bastante diversificados, isso também por razões de diferença na técnica de origem adotada na produção, das argilas empregadas e seu tratamento, dos fornos, das formas, de vidrados e esmalte utilizados.

Assim, não estamos inclinados a admitir, salvo provas aceitáveis, ou documentos, inclusive fragmentos encontrados nos antigos locais, que a louça mineira vidrada, do século XIX restrinja-se apenas a 3 ou 4 categorias como Caeté, Saramenha Diamantina (Serro) e Barbacena quando os centros a produzi-las eram numerosos, em regiões esparsas, com técnica, materiais, artesões, modeladores, decoradores e aparelhamentos diferentes. Os centros referidos eram 10. (Sendo que um é produto já de conclusão dada a constatação de numerosas peças serem provenientes da mesma região, com formatos, desenhos e cores similares e se refere à região de Diamantina e Serro, e outro de Barbacena que marcava alguns de seus produtos, assim divididos:

olaria: 1 — Congonhas do Campo
fábricas: 7 — Vila Rica (Saramenha)
— Caeté
— Mariana (São Caetano)
— Prados
— Ouro Branco
— Taquarussú
louceiro: 1 — Mondéos
? — Diamantina (Serro)
? — Barbacena

Desse quadro verifica-se que a produção mineira apresentava 3 aspectos de ordem técnica: a industrial propriamente, a industrial — doméstica e a artesanal. Diz C. J. da Costa Pereira (A cerâmica popular da Bahia — 1957 pág. 13) «que a olaria no começo constituía uma importante dependência dos colégios, engenhos e fazendas jesuítas, nela se produzindo, além de tijolos e telhas, também a louça de barro para o consumo ordinário. Era, portanto, um estabelecimento artesanal bem característico pela feição indústria-doméstica. Admira-se que em Minas não se constate um número maior de olarias fabricando louça para o consumo diário, já que o fabrico dessa louça representava menor ônus com o aproveitamento dos fornos, da matéria prima e instalações já existentes.

Da leitura do quadro, depreende-se que quase a totalidade da produção mineira era industrializada (embora rudimentar) e, em consequência, os seus produtos eram padronizados, o que deverá facilitar o estudo da distinção entre os centros produtores. Ignoramos se as louças de Diamantina (Serro) eram de olaria ou de fábrica: o fato é que elas apresentam um «denominador comum» que as distingue das outras, assim como os artigos de Barbacena, com adornos florais em relevo que não são citados em documentos mas que portam marca. Mas, continuando ainda na tentativa da caracterização e diferenciação dos produtos mineiros, vejamos quais as informações que podemos ainda exaurir dos documentos citados, com referência às matérias primas empregadas — argila, esmalte, vidrado. 1º) **Caeté**. Essa fábrica, a nosso ver, passou por 4 períodos. Sua primeira fase perde-se no último quartel do Século XVIII e vai

até 1858, quando a Fábrica de Caeté recebe vultosa subvenção (cinco contos de réis) do Governo Provincial, e já deve então ter melhorado a qualidade da louça, que serviu até de dito mal-doso:

«Louça de Caeté
Justiça de Itambé
E o povo de São Mané
Livre-nos Deus, Domine!»

A segunda fase iria de 1858 a 1893, quando é constituída a firma Cerâmica Nacional, com notável aparelhamento, e a terceira de 1893 até 1921, quando passa a ser Cerâmica João Pinheiro, e a quarta de 1921 até hoje. Sabe-se que em 1868 empregava como vidrado pedra moída ou com óxido de ferro e de cobre em partes iguais; quanto à argila, segundo informações dos atuais dirigentes e amostras, era e é uma argila preta que, depois de cozida, torna-se branca. Na terceira fase de Caeté (de 1893 até 1921) continua sendo empregado o mesmo material para os artefatos cerâmicos, com outras misturas para o grés e o refratário, fóra o uso do caulim, que, de 1903 a 1921, serviu para a industrialização da porcelana. No ano de 1893 já tinha sido assinalada a descoberta, pelos técnicos, do esmalte branco para decoração das louças vidradas.

2º) **Taquarussú**. Em 1868 empregava barros de diferentes cores e vidrado de pedra moída e óxido de ferro em partes iguais.

3º) **Vila Rica** (Saramenha), de 1816 a 1822, usava um revestimento «de uma camada muito espessa de verniz».

4º) **Congonhas do Campo**: usava barro no seu estado nativo e coberto de «verniz espesso» — o barro era caulim.

5º) **Mariana** (São Caetano): emprego de caulim.

6º) **Mondéos**: usava ou caulim de Caeté ou o barro de diversas cores usado em Taquarussú, pois os três centros estão no mesmo distrito.

Por outro lado, sabemos que os óxidos se alteram conforme a ação do calor e que a louça ordinária é cozida a temperatura de ± 700 graus, enquanto a faiança sobe a 900 e os tijolos, ladrilhos e telhas a 1.000 graus.

Como os fornos em Minas, de maneira geral (salvo os de Caeté em seu penúltimo período do fim do século) eram rudimentares, existindo vários feitos com terra de cupim, é de se presumir que a temperatura deles sofresse variações sensíveis e, em consequência, a coloração dos óxidos deveria variar entre as fornadas, alterando ou dando cambiantes aos coloridos.

Por outro lado, sabe-se também que a argila, quando não é bem cozida, não apresenta uma cor uniforme, deixa em geral no centro uma faixa escura que foi mal queimada.

Orá, sabemos por exemplo que Caeté e Taquarussú empregavam óxidos de ferro e de cobre em partes iguais em 1868, o que não impediria, é claro, o uso separado de cada um deles, já que dispunham dos dois, antes e depois de 1868. Sabemos, também, que Caeté empregava o esmalte branco depois de 1893, como sabemos que daquela data

em diante dispunha de fornos e aparelhamentos de contróle modernos, o que forçosamente conferia a sua pasta um caráter uniforme de louça bem queimada — no caso pasta branca.

Com esses elementos, embora escasos, já se pode, em parte, estabelecer alguns confrontos e diferenciações.

Assim, já sabemos que, durante determinado período, Caeté e Taquarussú apresentavam esmaltes idênticos porém, distinguiam-se entre si pela pasta, Caeté: barro esbranquiçado, Taquarussú: barro de diferentes cores; depois de 1893 Caeté usou o esmalte branco, e uma série grande de formatos novos e novas decorações com inspirações florais.

Sabemos, também, que Saramenha e Congonhas do Campo têm em comum «um verniz espesso» e que o barro da segunda era barro sem tratamento, porém bom para porcelana, «melhor que o de Sèvres». Um fato se evidencia desde logo: que as louças de Saramenha e de Congonhas do Campo não eram semelhantes às de Caeté e Taquarussú, já que aquelas têm a característica do «verniz espesso» que estas não apresentam.

Ainda outro fato a assinalar é que as peças de Caeté, em sua 3ª fase, distinguem-se das demais louças por sua qualidade superior até 1903, quando iniciam o fabrico da porcelana, pois a fábrica montada era a mais moderna de Minas, com equipamentos técnicos e assistência especializada; as louças dessa penúltima fase são mais fáceis de caracterizar, porquanto existem fotografias da época.

Quanto à Saramenha, sabe-se que se extinguiu no fim do século, conforme informação de Augusto Lima Jr., (op. cit.), corroborada por Manuel Bandeira (op. cit.) O erudito colecionador Paulo Vasconcelos exibiu-nos uma peça por ele atribuída à Saramenha que mostra no frete a inscrição «1922 Fevereiro», donde deduzimos que embora a fábrica haja sido extinta, artesãos seus e descendentes deles continuaram a produzir individualmente na mesma técnica e decoração.

Estamos ainda em estudos para procurar estabelecer com melhor precisão as composições das cores empregadas e a distinção das argilas, pelo menos em alguns desses centros, o que esperamos revelar em breve com colaboração oficial nas pesquisas de laboratório e outros subsídios.

Quanto aos formatos e tipos de louça de Caeté que constam do Album de 1898, pudemos distinguir na Foto 1, do interior do Depósito de Louças Artísticas, os seguintes modelos: 1 medalhão com o busto de Tiradentes, outro de Floriano Peixoto, uma série de ânforas de tipo clássico, potes superdecorados com folhas, flores, galhos em relevo (já estamos, nesta altura, no período do floreal do Art-Nouveau), bilhas, potes para flores de depender, garrafas, moringas com alça florais, peças (tipo floreiras) de boca larga, com as abas «ajourées» ou vasadas etc., etc.. A fotografia n° 7 focaliza o interior do depósito de louça de serviço e nela se distinguem serviços de chá, cremeiras, como também largas bacias e jarros, escarradeiras e urinois.

Desejamos ainda, com referência a essas louças mineiras do Século XIX, esclarecer de maneira categórica que não se trata tecnicamente de porcelana nem de faiança nem pó de pedra e sim de louça vidrada (e às vezes simplesmente terracota pintada a frio). Há, apenas, exceção quanto ao fabrico de manilhas de grés produzidas no fim do século para a indústria, e as peças de serviço em porcelana do princípio do século (1903), ambos produtos de Caeté.

O próprio cronista J. P. Xavier da Veiga, quando aborda os ensaios e produção cerâmica em Minas, refere-se ao Dr. João Pinheiro da Silva (Caeté) e diz: «esperando-se que em breve obtenha verdadeira porcelana que entre nós não foi ainda preparada». Isso foi escrito em 1897 (pág. 339 vol. II de Efemérides Mineiras) e somente em 1903 aquele desideratum era atingido.

Quanto à suposição de que se tratasse de faiança, temos a informar que levamos um dos melhores exemplares dessa louça mineira (uma caneca de fundo amarelo com galhos, folhas e rosas em verde, em relevo) e apresentamo-lo à Mademoiselle Antoinette Fay, conservadora do Museu Nacional de Cerâmica (Sèvres), que apreciou bastante a peça e de maneira positiva nos autorizou a afirmar que se tratava de um bom exemplar de louça vidrada (poterie vernissée) lembrando produtos antigos do mesmo gênero, da região francesa de Beauvais. Embora a cerâmica popular seja mais aberta a assimilações de diversas origens, não revela a louça mineira influência indígena nem africana, e nem mesmo a oriental ainda em voga na época, tanto nos formatos elaborados em torno como tampouco na decoração procedida por artistas vários.

Apesar de na França (Beauvais) e na Alemanha (Ansbach) terem sido produzidos artigos populares que apresentam alguma similaridade, como largas manchas coloridas sobre a superfície da peça na cerâmica bávara antiga e moderna, queremos crer que a influência exercida foi marcadamente ibérica. Devemos no entanto ressaltar que tanto nos formatos como na decoração incisa e relevada ha uma meritória dose de criatividade e de estética locais que não passou despercebida a Saint Hilaire que disse: «Os vasos apresentam em geral lindas formas».

A inspiração para os desenhos pintados e certos formatos de complicada fatura, queremos crer que proveio sobretudo de Portugal através de Massarellos, Viana, Caldas da Rainha, Fervença etc. assim como da Espanha pelos «alfareros» da Galícia, de Leão, da Andaluzia etc. Em Portugal costumam chamar de «Ratinho» a um tipo popular de louça vidrada muito decorativa que lembra a mineira, embora esse gênero nada tenha a ver com os produtos cerâmicos da fábrica da Duqueza de Palmela que teve pouca duração e chamava-se Ratinho.

Porem o que acabamos de dizer sobre influências assimiladas em Minas não provêm elas apenas da cerâmica ibérica. Certos formatos são típicos dela como outros de procedência diversa, trazidos de fora através de Portugal, ou por outros países, já que a abertura dos portos em 1808 ensejou o comércio direto.

O pote, tipo cangirão (com representação antropomorfa) da coleção Paulo Vasconcelos pode ter sido copiado de espécimes da região do Porto onde foram fabricados em primeiro lugar em Portugal, de Lisboa (Fábrica do Ratinho) ou de Caldas da Rainha, de Devezas e da Fábrica do Choupelo, como também inspirados em exemplares ingleses de várias fábricas, pois foi na Inglaterra, em Staffordshire, que os cangirões (com figuras) tiveram origem, de lá passando para o resto da Europa onde a representação de personalidades e de tipos populares tornou-se moda na Cerâmica.

As pequenas floreiras atribuídas à zona de Diamantina-Serro, de boca grande e perfil de asas largas lembram espécimes maiores dos que costumavam ornar altares, entre as banquetas de prata, metal ou madeira; eram comuns esses ornamentos no Século XIX, fossem em porcelana «Vieux Paris» ou de fabrico de Jacob Petit. Quanto a outro tipo de floreiras, com múltiplos braços, tanto as de corpo bojudo (vide estampa) como as de formato espalmado, flabeliforme, são chamadas de «tulipeiras» e provinham de Delft onde foi iniciado o seu uso no século XVII; essas floreiras eram, eventualmente, também usadas como candelabros. Essas jarras já eram usadas em Portugal e fabricadas em Santo Antonio do Vale da Piedade desde o século XVIII (Luiz A. de Oliveira — Cerâmica Nacional — Porto 1920 estampo 51) e lá são chamadas de «Jarras de luva».

No que toca aos canudos — esses são de origem persa onde eram conhecidos por «el-barani» e lá já serviam como potes para guardar unguentos e produtos medicinais. Foram os árabes que os trouxeram do Oriente Médio e os ceramistas ibero-mourescos passaram a reproduzi-los para o mesmo fim como potes de farmácia. Eles têm como característica de origem o estrangulamento na seção média do tubo e passaram a serem conhecidos na terminologia cerâmica como «albarelos» pois a Itália que os recebeu de Majorca, difundiu o modelo para o resto da Europa através de sua vistosa faiança.

Os recipientes para conservar essências, drogas e medicamentos apresentam várias denominações e formatos.

Eles podem tanto ser potes, canudos, boiões tubulares, boiões bojudos como boiões cilíndricos — essas designações morfológicas englobam-se todas no termo genérico que especifica sua função, ou seja «potes de farmácia» ou «boiões de botica» (como são conhecidos em Portugal). Existem também garrafas para o mesmo uso. Todos estes recipientes estrangeiros portam indicação através de inscrições, brasões ou siglas. O boião, pote ou canudo, com estrangulamento na parte média, como dissemos, é conhecido por «albarelo»; o boião bojudo (que muitos só chamam de boião) tem como característica peculiar sua forma globulada ou piriforme e o boião cilíndrico é o canudo ou pote sem estrangulamento. Este último que vem acompanhado de tampa cônica só fez aparição nas prateleiras de nossos boticários em fins do século XVIII e no correr do século XIX, (Exposição de Faianças Portuguesas de Farmácia, Lisboa 1972).

As peças de complicada fatura tanto da coleção Paulo Vasconcelos como de Walter José da Silva revelam forte influência espanhola. São elas os tripodes globulados, os candelabros (ou floreiras) composto de um tubo em forma de círculo, com um ou vários bicos, e ainda, uma jarra formada de meandros tubulares e um bico na parte superior. Alguns desses modelos já eram fabricados em Manises desde o século XV onde eram conhecidos por «biberóns» e «jarras de trampa». Com referência aos recipientes com base tripode globulada estes já apareciam na China, na provincia de Shantung, em louça branca vidrada (alt. de 31 cms.) no terceiro ou princípios do segundo milênio A. C. de acordo com escavações procedidas em 1964 (The Genius of China — Cat. Exposição Chinesa — Royal Academy London 1973-74. est. 58) e no Mediterraneo 2.000 A.C., na ilha de Chipre, (R. J. Charleston World Ceramics — London 1957) e aquele formato, é de se presumir, que os árabes o tenham trazido para a Ibéria.

Esse formato de recipiente, que levou milênios para chegar do Oriente ao anti-plano mineiro parece que, além de agradar aos chineses, cipriotas, iberos e mineiros, agradou também aos bandeirantes porquanto ele se faz presente em Apiaí, onde louceiras do bairro de Serrinho ainda o fabricam, obedecendo tradição antiga, sendo lá denominados de «garrafas de três pernas» (Haydée Nascimento — A Cerâmica Folclórica de Apiahy — Conf. Museu da Casa Brasileira — 1974).

Em Portugal as «jarras de segredo», as bilhas bojudas ou piriformes com bico e boca laterais e alça na parte superior (col. Paulo Vasconcelos) assim como peças em forma de círculo, tubiformes, com vários galgões, eram fabricadas sobretudo em Extremos. (José Queiroz — Cerâmica Portuguesa — Lisboa, 1948 gr. 155 A.).

Tanto as «jarras de segredo» como as bilhas de alça superior, com variações de formato, eram e continuam sendo fabricadas na Bahia, sobretudo em Maragogipinho, sendo que aquelas também eram conhecidas por «púcaros de surpresa» e «púcaros de engano», todas decoradas a frio (A. C. da Costa Pereira, op. cit. pág. 57).

Quanto às garrafas em forma de galo ou de galinha, em terracota ou em louça vidrada, tanto na Andaluzia como na Extremadura Espanhola são elas até hoje reproduzidas.

Mas, passemos aos produtos da olaria de caráter industrial destinados à construção.

Debret nos esclarece que «No Rio de Janeiro sabe-se que desde o começo do século fundaram-se várias fábricas de tijólos, em consequência sobretudo da presença da Corte Portuguesa, passando a ter mercado garantido a produção dessas indústrias (J. B. Debret. — Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil, I, pág. 257).

Maria Graham nos informa que em 1822, em São Gonçalo, Província do Rio de Janeiro havia olaria produzindo tijólos e potes (ob. cit. pág. 217). A Alfândega do Rio consigna também (período de 12-12-1821 a 14-03-1823) a importação de tijólos do estrangeiro, particularmente de Bordeaux, Genova e New Castle; nesse período, o único

fornecedor de tijólos da Côte (Salvo Parati com 200) é a cidade de São Sebastião, no litoral de São Paulo, que além de telhas e tijólos remete apreciável quantidade de «tijólos de ladrilho» sem contar a louça utilitária.

Em 1817, Maximiliano (Príncipe de Wied Neuwied, ob. cit. pág. 444) nos informa que na Bahia (além de outros centros de produção) havia olarias fabricando telhas às margens do Rio Jaguaribe.

Marques dos Santos (op. cit. pág. 291) informa que em Santa Catarina, na colônia de Dona Francisca (futura Joinville) havia uma «imensa olaria», o que pode-se mesmo depreender da bela litografia exibida de 1850. Informa, também, que em 1861 a firma Pedro Antonio Surville e Cia. possuía importante fábrica, tendo ganho medalha de prata em Exposição na Côte. Em outra exposição, a segunda na Côte, apresentaram-se vários outros expositores com José Morais Gomes Pereira, com tubos e sifões esmaltados para os esgotos, de Pernambuco; Frederic Osternak, de Curitiba, expõe telhas chatas para competir com as curvas; em 1881 há outra exposição em que se apresentam a Fábrica de Produtos Cerâmicos Santa Cruz, de Oliveira Pinto & Cia., a Cerâmica de Porto da Rosa, de Corrêa Bandeira & Cia., de São Gonçalo, e a firma Viúva Guedes e Filhos, no Porto da Estrela, Joseph Hancox (tijólos, inclusive refratários), e Torres & Cia., com telhas de canal, ambos de São Gonçalo.

Quanto aos produtos de olaria em São Paulo, informa-nos Ernani da Silva Bruno (História e Tradições da Cidade de São Paulo pág. 437 - vol. III): «Em 1857 havia na cidade nove pequenas fábricas de telhas e de tijólos. Mas não se fazia uso de tijólos se não para ladrilhar e a primeira grande fábrica só se inaugurou, parece, no ano de 1859 no Bom Retiro». Informou-nos, também, Calos Lemos (Conferência «Arquitetura Residencial Brasileira», em 18 de fevereiro de 1974 no Museu da Casa Brasileira) que, antes de 1875 havia importante olaria em Campinas, de Antonio Carlos Sampaio Peixoto, genro do Barão de Indaiatuba, que fabricava tijólos e lajótas, acontecendo que a fábrica foi visitada por Dom Pedro II em 1875, o qual autorizou o uso nas peças do Brasão Imperial. Celso Maria de Mello Pupo («Campinas, seu berço e juventude», Campinas 1969) a respeito ainda diz: «tendo em sua chácara em Cambuí (Campinas) olaria (1868) moderna fazendo tijólos sólidos ou tubulares, ladrilhos impressados ou não, tubos para encanamentos e saneamento»...

Ainda sobre os produtos de olaria em São Paulo nos informa Pileggi que os Irmãos Sacoman, de origem, francesa, fundam em 1895 a grande indústria da construção, a mais moderna e melhor equipada do Brasil. Fabricam eles tijólos prensados e furados, ladrilhos com argilas de todos os tipos, telhas, manilhas etc. . .

Entre outros méritos lançaram no mercado um novo tipo para substituir a telha clássica colonial, chamada de diferentes designações como: de capa e calha, de capa e bica, de meia cana, de canal, ou simplesmente curva e que em São Paulo, no século XX, conti-

nuou a ser imitada e produzida em tamanho menor, apelidada de «paulistinha». Em Portugal aquelas telhas são chamadas de romana ou de canudo (J. Vasconcelos — Indústria Cerâmica — 1907). Essa telha de canal por nós chamada de «colonial» foi buscar seu formato nos idos da ocupação romana na península Ibérica; e a decoração dessas mesmas telhas, em esmalte azul e branco, que orna a face inferior de parte dos beirais solarengos do século XIX foi inspirar-se em outra civilização. Na lendária China havia palácios, templos e pagodes que ostentavam telhas e remates de telhado esmaltados, monocromos ou policromados, e os lusitanos adotaram o processo em parte, não-lo transmitindo no século XIX através das fábricas de Devesas e de Santo Antonio.

Porém aos poucos no Brasil cobrem-se as casas com o novo e moderno tipo de telha que já vinha sendo importado mas que logo passa a ser fabricado aqui e conhecido por telha de Marselha ou Marselhesa. Esse tipo novo de cobertura resguardava melhor da chuva e do vento e até hoje continua a ser empregado e chamado no mercado de construção por telha francesa. Quanto à importação dessas telhas modernas provinham sobretudo da França. Conseguimos registrar ainda várias marcas e inscrições de algumas olarias importantes do estrangeiro e de São Paulo do fim do século XIX ou começo do XX. São elas:

«Armand Etienne & Cie Marseille
St. Henry Martin Frères»

«Saumati Frères
Marseille St. Henry»

«Antonio Proust Rodovalho
Cayeiras Província de São Paulo»

«Grand écaille pour Toiture Breveté
S.G.D.G.
St. Henry Marseille Roux Frères»

«Pierre Sacoman
St. Henry Marseille»

«Tuileries de Marseille
Lopes & Sacoman
St. Paul»

Quanto a Sacoman e suas telhas, sabe-se que essa fábrica teve longa duração e abasteceu o interior de São Paulo. No ano de 1974 visitamos, no Município de Capivari, a sede da chamada Fazenda do Barão, construída em 1802, pertencente à família do Barão de Almeida Lima, cuja construção nos presta ensinamentos curiosos, pois a sua base é de pedra entaipada, os salões e dependências de taipa de pilão, a cozinha de pau a pique ou barrotes, e os adendos posteriores foram levantados com tijólos (marca P. J.) e a cobertura destas partes mais recentes era feita com telhas tipo francesas, com os seguintes dizeres: «Tuileries de Marseille Lopes & Sacoman — St. Paul».

Transcrição da ATA de 1893 da Cerâmica Nacional fundada em Caeté - Minas

Acta do início da Nova Indústria, que se vae introduzir na Cidade de Caeté, Estado de Minas Gerais, do fabrico de louças finas e porcelana.

Aos 13 dias do mez de Julho de 1893, em casa de residência do Sñr Dr. João Pinheiro da Silva, deputado federal e ex-governador do Estado de Minas Gerais, estando presentes, alem desse Dr., mais os Sñrs. Dr. Carlos Thomaz de Magalhães Gomes, lente de Chimica e Physica Industriaes e de Docimasia da Escola de Minas de Ouro Preto e o Conservador da mesma Escola Saturnino de Oliveira, resolveram para memória do facto lavar a presente acta, na qual conste o empreheandimento, os esforços feitos e a victoria obtida para a consecucção que os mesmos tem em vista.

Desejoso o Dr. João Pinheiro de melhorar a Cidade de Caeté, cujo estado de decadência na epocha actual quasi tem tocado ao extremo, de tal modo que os próprios filhos são obrigados a imigrar para outros pontos do Estado buscar meio de garantir a subsistência — procurou o seo particular amigo Dr. Carlos Thomaz, residente em Ouro Preto, propoz-lhe o seguinte problema:

Sendo dadas as mesmas condicções physicas com que actualmente se fabrica uma espécie de louça barbara n'essa Cidade de Caeté conseguir melhora-la para o commercio apenas com uma intervenção chimica.

O Dr. Carlos Thomaz, efficazmente auxiliado pelo seu bom amigo e constante companheiro de laboratório Sñr Saturnino de Oliveira, depois de dous mezes de continuas experiencias circunscriptas pela própria natureza da questão proposta, conseguiu resultados animadores a fim que se tenha em vista. E para verificação desses resultados conseguidos na Escola de Minas dirigiram-se as três pessoas já mencionadas a esta Cidade de Caeté, onde depois de novas e repetidas verificações, pela prova hoje obtida no forno (de cupim) do velho louceiro Manoel Vianna, residente nos Mundéos, a meia legua dessa Cidade, o qual se prestou de melhor boa vontade a todas as miudas exigências de observações e experiencias, — derão o problema como resolvido, sendo que o aperfeiçoamento da descoberta ficará dependendo apenas da funcção do tempo.

Ainda para mais esclarecimentos juntão-se a esta acta as provas que mostram a evolução dos estudos nos cacos, que com esta vão.

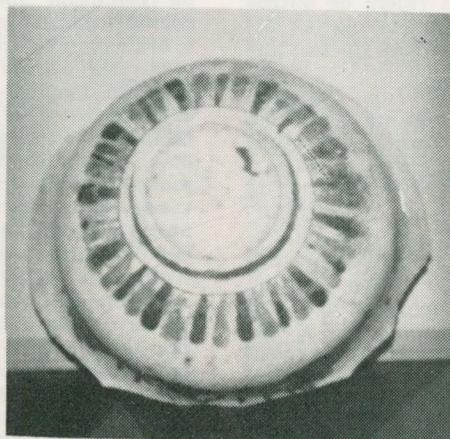
Virão por elles como se pode conseguir o esmalte branco na louça barbara aqui fabricada nos fornos rudimentares de cupim.

Cidade de Caeté, 13 de Julho de 1893, sendo Vice-Presidente da República o Sñr. Marechal Floriano Peixoto, em exercicio de Presidente; Presidente do Estado de Minas Gerais o Sñr. Dr. Affonso Moreira Penna; Presidente da Câmara Municipal desta Cidade o Sñr. Capitão José Augusto de Moraes Godim.

Esta acta foi escripta na chácara «Tinôco», Cidade de Caeté, propriedade e residência do Sñr. Dr. João Pinheiro da Silva e vae por nós assignada.

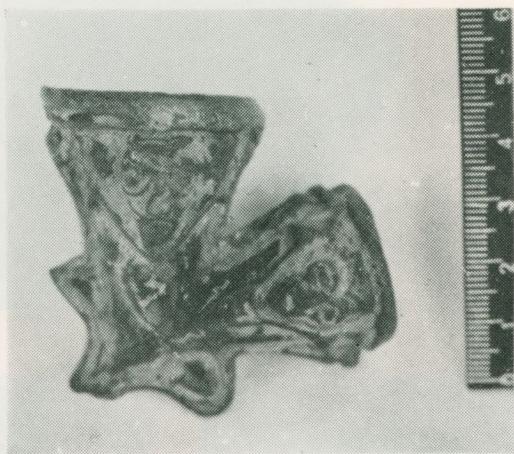
Eu Carlos Thomaz de M. Gomes a escrevi, dictada pelo Sñr. Dr. João Pinheiro e está por todos 3 approvada.

- a) João Pinheiro da Silva.
- a) Saturnino de Oliveira.
- a) Carlos Thomaz de Magalhães Gomes.

**OBS.: —**

A bacia (anverso e verso) com o brasão imperial, policromada, é decorada a frio, procedente do Amazonas.

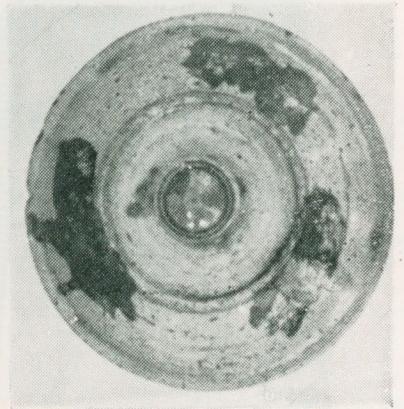
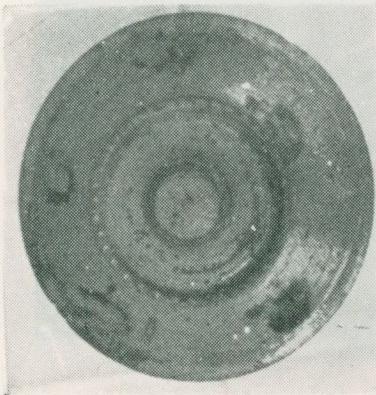
A garrafa em forma de galo e a candeia são originárias de Minas. A talha com brasão imperial relevado e o cuscuseiro são de São Paulo. Cols. Paulo Vasconcellos e E. F. Brancante.



OBS.: —

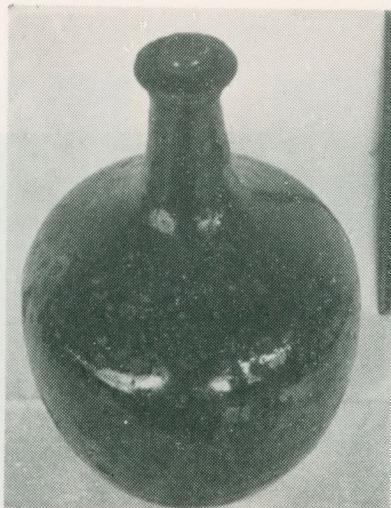
A produção de cachimbos (pitos) no período colonial foi grande, como atestam relatos de viajantes e estampas da época, sendo seu uso muito difundido entre a população feminina. Constata-se em Minas, diversas técnicas de fatura como o moldado e o modelado, assim como o emprego de inciso e do relevado, a exemplo da louça mineira em geral. Quanto à composição variam elas do primitivo ao erudito. Este distingue-se pela ponteira (de proteção e apoio com furos, e sua decoração elaborada inspira-se, sobretudo, no barroco mineiro. Há exemplos com cabeças de anjo, máscaras, cornucópias, sanefas, perolados e ainda desenhos geométricos. São Paulo também produziu cachimbos, sendo que em São Sebastião no Bairro de São Francisco, ainda hoje são fabricados. Coleções Walter José da Silva e Paulo Vasconcelos.

Louça vidrada
Desenhos abstratos



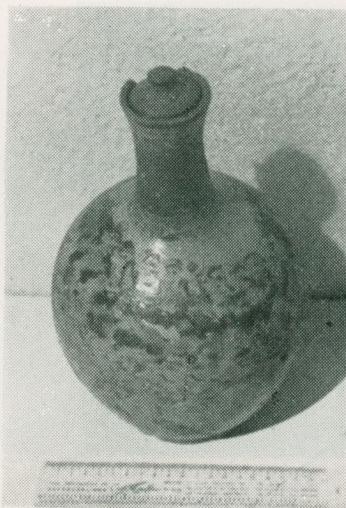
OBS.: — Peças da coleção Antenor Edmundo Horta.

Desenhos incisos e relevados



OBS.: —

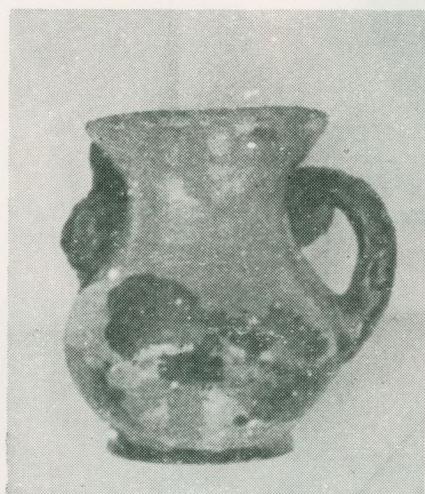
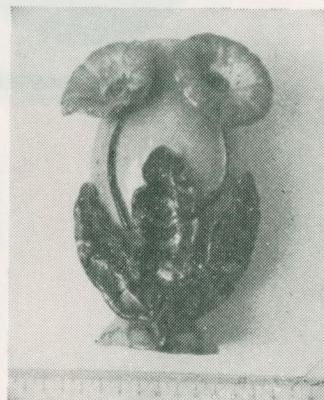
Estas louças esmaltadas a verde e marron escuro estão sendo atribuídas a zona de Diamantina e Serro onde foram encontradas. Os desenhos relevados em forma de cinco rosetas agrupadas (e também corações) tanto da vasilha à direita como da pega do bule, em baixo, são idênticos e representam uma das características da zona. Cols. Walter José da Silva e Paulo Vasconcellos.



OBS.: — Farinheiras e moringa. Col. Paulo Vasconcellos.

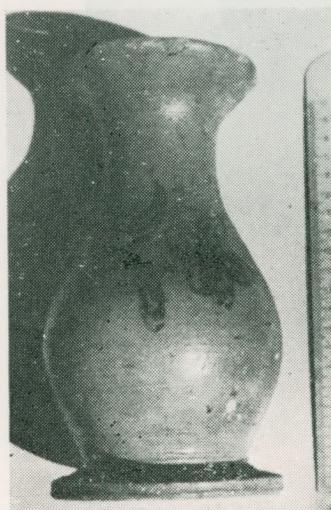


OBS.: —
Potes e cumbucas, monocromos, com tampa, para guarda de banha. Cols. Walter José da Silva, E. F. Brancante (pote em baixo, à esquerda, com besantes na base e no terço superior).



OBS.: —

As duas fotografias da esquerda correspondem a mesma caneca, de fundo amarelo, folhagem verde e manchas marrons. O pote ou floreira da direita é de elaboração mais delicada e de cores mais uniformes (fundo amarelo e tem a marca «BARBACENA» na pasta; esta cidade é conhecida tradicionalmente como cultivadora de flores de que faz intenso comércio. A caneca é da col. Maurício Meirelles e o pote de Paulo Vasconcellos.



OBS.: —

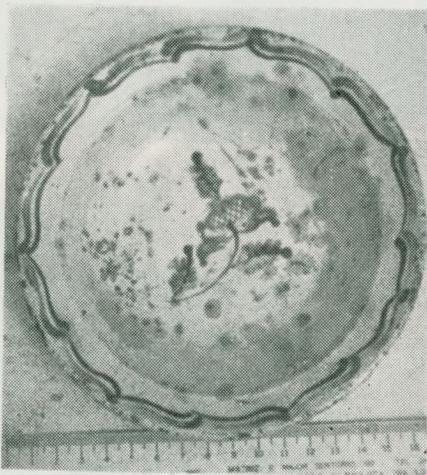
Ao alto caneca com tampa, à esquerda, e à direita cumbuca com tampa. Ao centro sopeira que além do desenho pintado exibe o gravado na pasta. Em baixo, à esquerda, floreira de vários gargalos, e à direita, elegante vaso. Cols. Paulo Vasconcellos e Walter José da Silva.

Louça vidrada
Desenhos fitoformes relevados



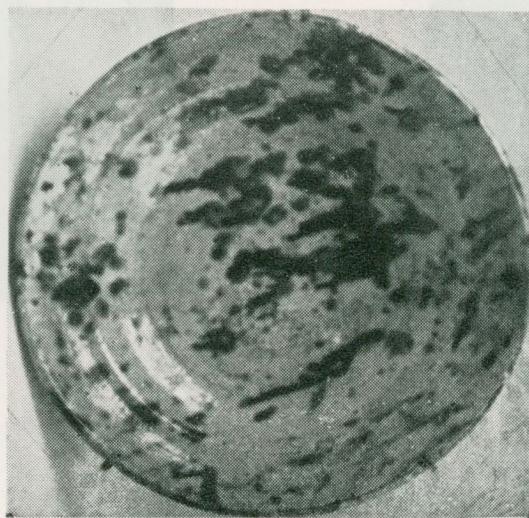
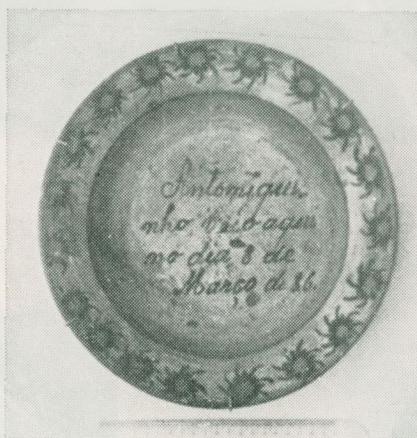
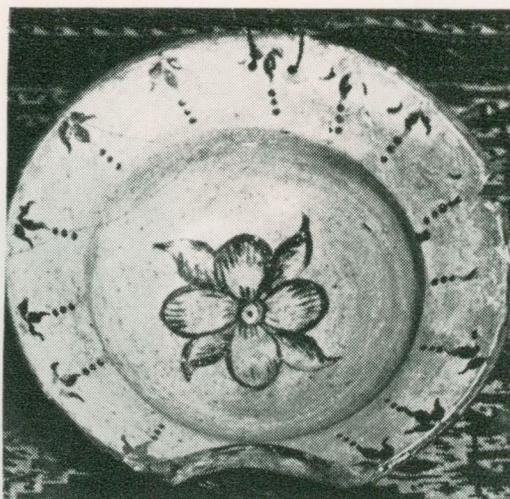
OBS.: —

A floreira de cima, policromada, apresenta um fundo amarelo e desenhos fitofórmes bem executados. Col. Paulo Vasconcellos. As de baixo são monocromas, azeitonadas, e vêm sendo atribuídas à zona de Diamantina e Serro. Col. E. F. Brancante.



OBS.: —

O prato fundo, policromado, ao alto à esquerda, é proveniente de Portugal onde esse gênero de louça vidrada popular é conhecido por «Ratinho», o prato grande à direita foi encontrado no litoral paulista e acreditamos tratar-se também de produto português dada certa analogia no traço dos ramos centrais e a tonalidade viva do verde da aba e o característico do esponjado. O prato policromado, na parte inferior à esquerda e o pires à direita são provenientes de Minas e apresentam desenhos muito bem executados, parecendo os dois, produtos do mesmo artesão. Cols. Walter José da Silva e Paulo Vasconcelos.



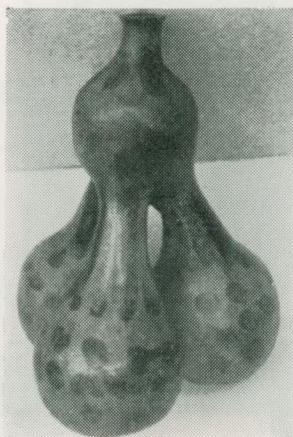
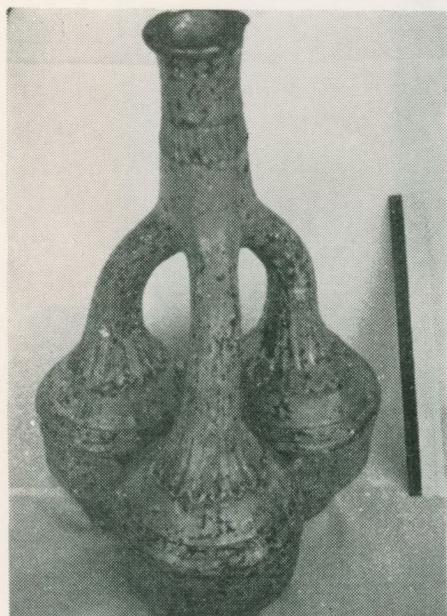
OBS.: —

O prato de cima é um prato de barbeiro e foi adquirido no leilão do espólio do grande colecionador Simoens da Silva (no verso existe anotação de que é de Saramenha) pelo Sr. João Moss que o vendeu ao Sr. Paulo Vasconcellos que o doou ao Museu da Inconfidência em Ouro Preto. O prato do centro, policromado, apresenta a inscrição: «Antoniquinho veio aqui no dia 8 de Março de 86». De notar no prato à direita a aba marmorizada e no prato de baixo a superfície esponjada. Os três do centro são da col. Paulo Vasconcellos e o de baixo de Walter José da Silva.



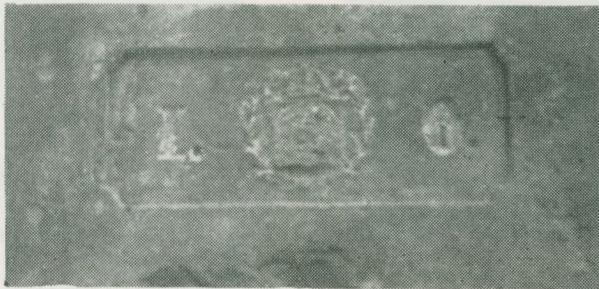
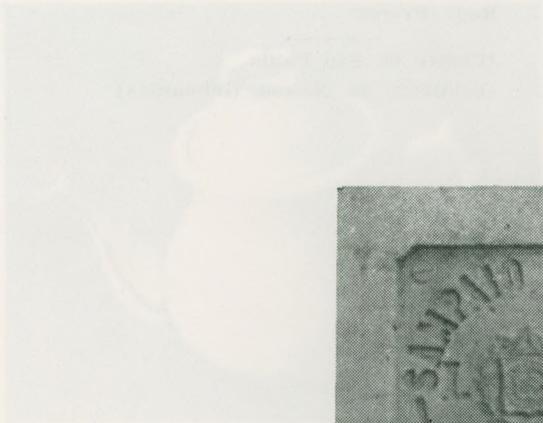
OBS.: —

O pote com figura é proveniente de Catas Altas (Minas) e a galinha à esquerda de Sorocaba (S. Paulo) está marcada, a tijela está marcada «Ferreira & Cia., Agua Branca, São Paulo», e o pichel na parte inferior é procedente de Goiás. Estas quatro peças são da coleção Paulo Vasconcellos. A garrafa em forma de galinha, à direita está marcada «Joaquim de Oliveir — Agua Branca — São Paulo». col. do autor.



OBS.: —

Em cima três exemplares típicos de trípodes globulados, sendo que o do meio apresenta mais um globo na parte superior — um deles, o da direita, tem estampilhadas na pasta as iniciais E.L.S. Em baixo, à esquerda e à direita, 2 tipos de peças tubiformes, em forma de círculo (floreiras ou candelabros) com vários bicos. Ao centro trípode rústico de Apiaí (S. Paulo). A peça de baixo é uma «jarra de segredo» com meandros tubulares. Cinco peças são da col. Paulo Vasconcellos, e à esquerda no alto da col. Walter José da Silva. A tradição mineira de fabrico de trípodes chegou até São Paulo em Apiaí onde no bairro de Serrinha ainda fabricam, em artesanato folclórico, peças rudimentares do gênero o que chamam de «garrafas de três pernas» (Haydée Nascimento, op. cit.).



OBS.: —

Na lajota lê-se «Sampaio Peixoto — Campinas» e no centro distingue-se o brasão imperial entre as iniciais I e O. O tijolo ostenta o mesmo distintivo e iniciais, sendo que o I refere-se a Imperial e o O à Olaria. Ambas as peças foram fabricadas por volta de 1875. Gentileza de Luiz Barbosa de Oliveira.



Telhas

SÃO PAULO

**ESTAMPA O
SEC. XIX/XX**

Marcas:

Grande Ecaille pour Taiture

Breveté S.G.D.C.

St. Henry Marseille

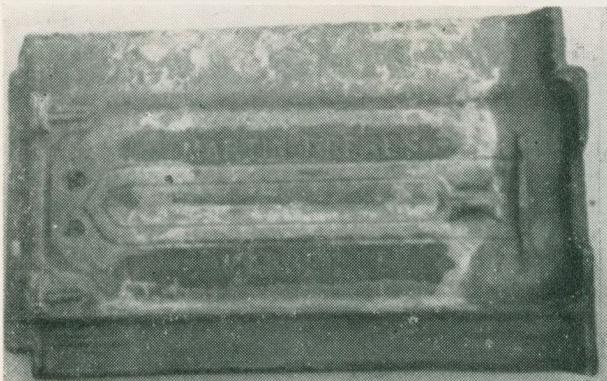
Roux Frères

(Centro de São Paulo
(gentileza de Nelson Guimarães)



**Arnaud Etienne & Cie
Marseille St. Henry**

**Do Hospital do Isolamento 1880
(Atual Hospital Emilio Ribas)
(Gentileza de Carlos Bastos)**



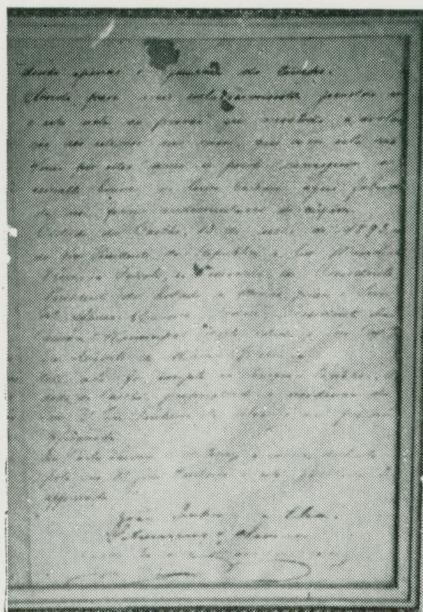
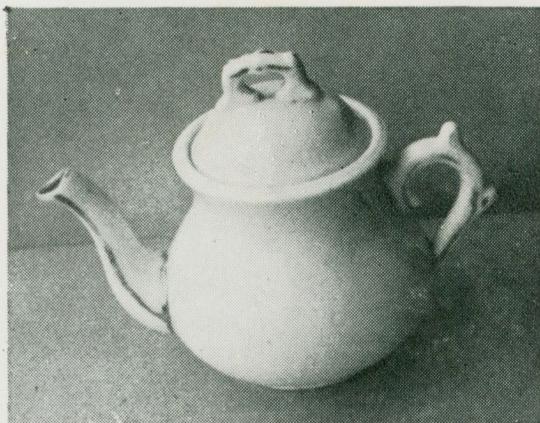
**Martin Frères
Marseille**

**Do Hospital do Isolamento 1880
(Atual Hospital Emilio Ribas)
(Gentileza de Dr. Carlos Bastos).**



**Tuilerie de Marseille
Lopes & Sacoman**

**Da Fazenda do Barão de Capivari
(gentileza da família).**

**OBS.: —**

Depois dos ensaios e fabrico da porcelana por João Manso Pereira (fim do século XVIII e começo do XIX) somente em 1903 é retomada a produção dela no Brasil, em Caeté, Minas. Em cima bule e xícara de café em porcelana, decorados a ouro, sem marca. Em baixo, final da ata de 1893, de interesse técnico e histórico, da Companhia Cerâmica Nacional de Caeté. Peças da coleção e do arquivo do Dr. Israel Pinheiro Filho.

